

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO PROUNI SOBRE SUA PRÓPRIA FORMAÇÃO

Aluna: Lidiane Duarte Silva de Oliveira
Orientadora: Sandra Regina da Rocha Pinto

INTRODUÇÃO

Na atual era do conhecimento onde os acontecimentos ocorrem de maneira rápida, as empresas também precisam agir na mesma velocidade para não perder espaço no mercado e oportunidades de crescimento. Elas estão cientes de que o ativo mais valioso que precisam é o capital intelectual, pois é este que determinará seu sucesso. Sabe-se que estas pessoas deverão desenvolver as melhores práticas que representarão o diferencial competitivo das organizações. Para isto, as empresas demandam profissionais generalistas e especializados que possuam visão sistêmica da organização para promover ações internas criando sinergia entre pessoas e recursos disponíveis e gerando processos eficazes [1; 2].

Entre os cursos universitários existentes, somente o curso de Administração de Empresas possui, especificamente, esse foco. O administrador é o profissional com uma formação bastante abrangente que possui conhecimentos de como funcionam as diversas áreas dentro de uma organização podendo atuar tanto como o principal executivo quanto como executivo em uma destas áreas, dentre, praticamente, todos os tipos de organização. Por ter um amplo campo de atuação, de difícil caracterização de limites, o espaço do administrador acaba sendo invadido por muitas outras profissões, como engenheiros e médicos, por exemplo [1; 2; 3].

Considerando a constante mutação do mundo do trabalho, no que diz respeito às inovações tecnológicas, globalização da economia e formatos de comunicação, inúmeros estudos têm sido desenvolvidos sobre como formar este profissional capaz de enfrentar todos esses desafios que o ambiente lhe proporciona e, então, gerar resultados eficientes [4; 5].

Visando complementar a formação do administrador, há o surgimento de diversos cursos que vêm ganhando destaque no processo contínuo e permanente da aprendizagem tornando-o um profissional que atenda às necessidades do mercado de trabalho altamente competitivo e mutável. Simultaneamente, uma série de pesquisas no campo da administração tem identificado a importância destes cursos no processo de formação do administrador [5].

É evidente que o principal pilar de formação profissional é a universidade, onde o treinamento e o desenvolvimento das competências, atitudes e habilidades estão sendo iniciados. Pois é na universidade que o jovem adquire base teórica e conhecimento para que, mesmo antes de formado, possa estar inserido no mercado de trabalho, através do estágio, onde estará aplicando na prática o que tem aprendido na sala de aula [6; 7]. Entretanto, se esta base não for sólida, não serão somente os cursos extras capazes de formar um profissional que possua os requisitos essenciais para se manter empregável.

Em contrapartida, embora haja o reconhecimento da importância que o ensino superior possui na formação de um indivíduo, nota-se que este nível de ensino não é acessível a todas as pessoas inseridas no contexto social brasileiro. A educação no Brasil é caracterizada por ser tradicionalmente excludente, permitindo acesso apenas às camadas mais abastadas da população que possuem tempo e recursos financeiros suficientes para investir na geração de conhecimento, as chamadas elites [8; 9; 10; 11].

O governo, ao tentar modificar essa situação, lançou, em 2005, o Programa Universidade para Todos – PROUNI, considerado o maior programa de bolsas de estudo da história da educação brasileira que tem como objetivo colocar 30% dos jovens de baixa renda, com idades entre 18 e 24 anos no ensino superior até o ano de 2010 [13].

Apesar de sua magnitude, o PROUNI recebeu muitas críticas de especialistas em educação que previram o seu fracasso dizendo que o Programa levaria às salas de aula das universidades, alunos despreparados provenientes de um péssimo ensino médio, visto que o Programa beneficia estudantes egressos de escolas da rede pública. Outra crítica feita ao Programa foi que mesmo com a isenção do custo da mensalidade, os alunos beneficiados não teriam como se manter na faculdade, por causa das diversas dificuldades em acompanhar os estudos, como a aquisição de livros, por exemplo, que custam caro e que seriam inviáveis devido à situação econômica dos estudantes [8].

Contudo, quando o Programa fora lançado não foi discutida a questão das diferenças existentes entre os estudantes pertencentes às classes mais abastadas da população, conseqüentemente, provenientes dos melhores colégios particulares, e os estudantes de baixa renda egressos das escolas da rede pública de ensino. É necessário comentar que o ingresso na universidade traz uma série de mudanças a todo o passado do estudante e deve ser levado em consideração diversos fatores que influenciam este processo. Em consonância, Almeida e Soares (2003, p.23) *apud* Saravali (2005) afirmam que as tarefas com as quais os jovens são confrontados na sua transição e adaptação ao Ensino Superior não se limitam às tarefas de caráter curricular. O estabelecimento de um sentido de identidade, o desenvolvimento de relações interpessoais mais maduras, a exploração de papéis sociais, o estabelecimento de uma filosofia de vida e o comprometimento com determinados objetivos pessoais e vocacionais são questões que assumem grande importância aos estudantes, sendo fundamentais ao seu desenvolvimento psicossocial [14; 15].

Face ao exposto, o objetivo da pesquisa foi identificar as diferenças existentes entre alunos bolsistas e não bolsistas, sob a ótica dos estudantes do PROUNI, e responder o seguinte problema: em que medida estas diferenças interferem, positiva ou negativamente, na percepção que os bolsistas têm a respeito de sua própria formação num centro de ensino considerado como voltado para a elite?

Realizou-se um mapeamento de todo o processo que envolve este programa de bolsas de estudo. Procurou-se identificar as expectativas que os estudantes tinham em relação à faculdade e suas expectativas atuais.

Em concordância com Saravali (2005), o presente trabalho propõe a avaliação das percepções de interações em um ambiente acadêmico totalmente novo, como ferramentas importantes para a formação de um ser humano mais adaptado socialmente.

BASE TEÓRICA

PERCEPÇÃO

A percepção é o assunto central nos estudos da psicologia social. Davidoff (1983) *apud* Fiorelli (2004) define percepção como o encontro entre cognição e realidade, fazendo da percepção a atividade cognitiva mais importante que serve de base às demais. A percepção faz com que o indivíduo selecione, organize e interprete os estímulos que o ambiente oferece. Estes estímulos podem ser desde eventos e informações até objetos e pessoas. Por meio da percepção, o indivíduo interpreta os fenômenos que o cerca, a posição que ocupa no mundo e os fenômenos internos a ele [16; 21].

Identificar os fatores que influenciam a percepção é um processo de extrema complexidade. Entretanto, dentre esses diversos fatores [16; 17; 25], pode-se citar inicialmente o condicionamento. As conseqüências deste no processo perceptivo se evidenciam nos constantes problemas de comunicação entre pessoas de culturas diferentes ou apenas de ambientes educacionais diversos. Geralmente, verifica-se que um mesmo fato é percebido de maneira semelhante por duas pessoas em virtude de condicionamento anterior que as conduzem a perceber elementos diferentes numa mesma estrutura ou, pelo menos, enfatizar tais elementos em maior ou menor escala [17].

Segundo Braghirolli (1998) *apud* Fiorelli (2004), a formação do indivíduo, incluindo seus valores, crenças, preconceitos, regras, normas, maturidade, saúde física, nível de conhecimento, fatores culturais e as variáveis pessoais (atitudes, personalidade e motivações) [16; 19; 25] são elementos que influenciam ativamente no seu modo de interpretar os acontecimentos a sua volta. Desta forma, a história de vida, características de personalidade e circunstâncias estão diretamente ligadas à percepção do indivíduo e, conseqüentemente, a forma com que vai agir diante desses acontecimentos.

Como afirmam Rodrigues *et al* (2000), percepções e atitudes se influenciam mutuamente, isto é, a maneira como um indivíduo age está diretamente ligada à forma como interpreta o fato que lhe é apresentado e definem atitude como um conjunto de crenças e cognições em geral, constituída de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto e serve para ajudar a lidar com o ambiente social fazendo com que o indivíduo reflita sobre convicções e valores, estabeleça sua identidade social, proteja a auto-estima, dentre outros.

De acordo com Rodrigues *et al* (2000), os elementos integrantes da atitude são: a) componente cognitivo – crenças, conhecimento, maneira de encarar o objeto; b) afetivo – aprovação, sentimento pró ou contra; c) comportamental – combinação de cognição e afeto como instigadora de comportamentos, dadas determinadas situações.

Segundo Baron e Byrne (1994, p.125) *apud* Rodrigues *et al* (2000), esquemas sociais são conjuntos de crenças e sentimentos a respeito de algum aspecto do mundo que funcionam como base mental e fornecem estrutura para a interpretação e a organização de novas informações com que o indivíduo se depara. Assim, o indivíduo tem esquemas a respeito de pessoas, de si próprio, de determinados grupos. Os esquemas referentes a grupos de pessoas são classificados como estereótipos e se referem a crenças compartilhadas acerca de atributos – geralmente traços de personalidade – ou comportamentos costumeiros de determinados grupos de pessoas e que, conseqüentemente, servem de base de preconceitos.

Segundo Pereira (2002), a instalação do estereótipo ocorre quando as pessoas, inicialmente, definem o mundo antes mesmo de ter algum contato real. Esta interpretação está associada à cultura que determina de forma estereotipada a noção interna sobre o mundo externo. Desta forma, ao conhecer uma pessoa, são ativados interesses, preconceitos, estereótipos, valores, atitudes e esquemas referentes a esta pessoa, conduzindo à formação de um conceito onde se harmonizem as características da pessoa (comportamentos) e a bagagem psicológica que filtra este estímulo antes que ele se torne um conceito na atividade perceptiva [19].

Adorno e Horkheimer (1985) *apud* Ferrari e Sekkel (2007) afirmam que o preconceito é uma defesa que impede a experiência e dificulta a aproximação, produzindo uma generalização errônea que não permite o contato com a realidade. Entretanto, os estereótipos – base para o preconceito – não são inatos e podem ser modificados com o tempo, pois o que ocorre não é a simples absorção das informações, mas há uma organização, interpretação, avaliação e

armazenagem destas informações, em um processo influenciado pela percepção humana, percebe-se então que a percepção não é uma condição estática, mas mutável [11; 20].

Nesse sentido, percepção e atitude influenciam a formação de amizades [18]. De acordo com a teoria do equilíbrio (balance theory) proposta pelo psicólogo social Fritz Heider (1946) *apud* Rodrigues et al (2000), as pessoas procuram relações harmoniosas entre suas atitudes e as demais atitudes das pessoas ao seu redor. Esta busca de situações harmoniosas faz com que as pessoas busquem a associação com outras de semelhantes valores e interesses. Em consonância, a teoria dos processos de comparação social proposta por Leon Festinger (1954) *apud* Rodrigues et al (2000) afirma que esta tendência do indivíduo se associar a pessoas que possuam aspectos semelhantes aos seus ocorre para quando em dúvida, poder avaliar a correção de suas opiniões e o nível de suas habilidades.

Em contrapartida, há um fenômeno que aparentemente contraria o princípio do equilíbrio pelo fato de certas pessoas procurarem associar-se a outras que possuem justamente o que lhes falta, isto é, procuram uma complementaridade na outra pessoa. Porém, isto não torna o princípio do equilíbrio inválido, pois, apesar de ocorrer com menos frequência, se estabelecem pelo valor instrumental que tais diferenças ensejam. Desta forma, ao procurar estabelecer uma relação de amizade com uma pessoa diferente, o indivíduo torna esta relação equilibrada ao valorizar as diferenças existentes [17]. Esta aproximação traz a oportunidade de maior conhecimento mútuo e, conseqüentemente, maior possibilidade de reformulação de preconceitos, pois a observação direta do comportamento desta pessoa pode contradizer as expectativas que tais estereótipos os levou a ter acerca de seu comportamento [17; 18].

Saravali (2005) afirma que quando o indivíduo tem experiências interativas nas quais recebe e seleciona sentimentos, expressando comportamentos; assume, mantém e atribui valores e papéis sociais e constrói conhecimentos, ele forma, gradativamente, a imagem que tem do mundo e de si mesmo. A formação de um autoconceito – características de si mesmo – e de uma auto-estima – avaliação de si mesmo – saudáveis faz com que o indivíduo seja mais adaptado socialmente, ou seja, se torne um ser humano socialmente maduro. Desta forma, em concordância com a teoria dos processos de comparação social proposta por Leon Festinger (1954) *apud* Rodrigues et al (2000), o autoconceito é formado em grande parte através da comparação com outras pessoas e é de extrema relevância em diversos momentos da vida.

FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR

Maximiano (2000), ao definir o conceito da palavra Administração, afirma que a administração é uma atividade dinâmica, que consiste em tomar decisões sobre objetivos e recursos para atingir algum tipo de objetivo. Estas decisões se referem às funções básicas do administrador: planejar, organizar, dirigir e controlar. Os recursos são pessoas, informação e conhecimento, espaço, dinheiro, instalações, tecnologia, entre outros disponíveis à organização [1; 2].

Geralmente, a administração é abordada apenas no sentido de profissão, como uma escolha feita ao ingressar na faculdade e uma atividade realizada após a formação acadêmica. Levando em consideração essa abordagem, esta é a profissão que proporciona um amplo campo de atuação ao administrador, possibilitando que este trabalhe em diversos setores, como gerenciamento, contabilidade, recursos humanos, marketing, controle de produção, e em qualquer tipo de organização, como hotéis, bancos, empresas públicas, multinacionais, indústrias, entre outros, podendo atuar também como profissional autônomo ou até mesmo abrir o seu próprio negócio, passando de empregado a empregador. Conseqüentemente, é o curso universitário no Brasil que possui a maior demanda de alunos no ensino superior. De acordo com a pesquisa do Conselho

Federal de Administração feita em 2004, o motivo predominante da escolha do curso é a natureza do projeto profissional (abrir empresa, carreira, etc.), seguido por vocação.

Em consonância com o estabelecido no artigo 4º do Conselho Nacional de Educação na Resolução nº. 1, de 2 de fevereiro de 2004, este é o conjunto de competências e habilidades que o bacharel em administração deve possuir:

- Reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente, introduzir modificações no processo produtivo, atuar preventivamente, transferir e generalizar conhecimentos e exercer, em diferentes graus de complexidade, o processo da tomada de decisão;
- Desenvolver expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais e intergrupais,
- Desenvolver raciocínio lógico, crítico e analítico para operar com valores e formulações matemáticas, presentes nas relações formais e causais entre fenômenos produtivos, administrativos e de controle, bem assim expressando-se de modo crítico e criativo diante dos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- Ter iniciativa, criatividade, determinação, vontade pública e administrativa, vontade de aprender, abertura às mudanças e consciência da qualidade e das implicações éticas do seu exercício profissional;
- Desenvolver a capacidade de transferir conhecimentos da vida e da experiência cotidianas para o ambiente de trabalho e do seu campo de atuação profissional, em diferentes modelos organizacionais, revelando-se profissional adaptável;
- Desenvolver capacidade para elaborar, implementar e consolidar projetos em organizações.

Andrade e Amboni (2007) abordam a administração também como ciência e arte. Como ciência, lida com fenômenos complexos, sobre os quais o administrador tem pouco conhecimento. Por ser uma ciência inexata, o administrador toma decisões com base em informações incontroláveis, devido os negócios serem altamente mutáveis. A administração recebe influências de diferentes ciências como Filosofia, Sociologia, Psicologia e Economia. É importante ressaltar como cada uma destas ciências contribui no processo de formação de administrador, para compreender a importância das mesmas: a) Sociologia: contribui para o administrador entender os processos de interações que podem se estabelecer nas mais variadas situações; b) Psicologia: para compreender as manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas dentro e fora das organizações; c) Economia: contribui para o administrador entender as relações que ocorrem com a produção e troca de mercadorias; d) Filosofia: oferece ao administrador uma imagem do pensamento humano e até mesmo da realidade em que está inserido.

A administração como arte proporciona o desenvolvimento por meio de treinamento educativo das habilidades necessárias para que o administrador realize com desenvoltura as atividades nas organizações. Nesse sentido, administração é a arte de liderar pessoas e de gerir recursos escassos e valiosos dentro e fora das organizações. Assim, o gestor não é um mero executor de tarefas, mas atua como um artista, tendo jogo de cintura para improvisar e reinventar, traduzindo todo o conhecimento em ações práticas que proporcionem resultados significativos para as organizações e sociedade [1].

As três abordagens se complementam com o objetivo de formar um administrador competente que, apesar das condições de incerteza, instabilidade e imprevisibilidade, consiga

fazer com que a organização sobreviva e se mantenha no mercado, cada vez mais competitivo. Considerando que o ativo mais valioso que uma organização possui é o capital humano, a principal função do administrador deve ser o desenvolvimento de pessoas na organização, pois é a partir das pessoas que os objetivos pretendidos poderão ser alcançados. Verifica-se que o fator comum as três abordagens refere-se ao elemento humano, principalmente no que diz respeito às interações sociais [1; 2].

Katz (1986) *apud* Amboni e Andrade (2007) ao discutir sobre as habilidades do administrador dividiu-as em três: a) habilidade técnica: uso das técnicas voltadas especialmente para as atividades que desenvolve; b) habilidade conceitual: capacidade de visualizar a organização como um todo, visão sistêmica; c) habilidade humana: aptidões para trabalhar com pessoas e para obter resultados por intermédio dessas pessoas.

A habilidade humana está presente em maior profundidade em liderança, principalmente quando se trata de liderança como um processo interpessoal dentro de um contexto complexo, no qual outros elementos estão presentes [2]. Como a administração é uma ciência social, esta habilidade torna-se cada vez mais essencial.

AS CONCEPÇÕES DE UNIVERSIDADE

Inúmeros estudos afirmam que um dos principais problemas do ensino superior é o fato dele ser, tradicionalmente, voltado para as elites econômicas e culturais, fazendo com que o ambiente acadêmico seja um lugar ocupado pelos privilegiados que pertencem às camadas mais abastadas da população causando uma exclusão dos indivíduos pertencentes às classes sociais menos favorecidas [8; 9; 10; 11]. Desde o início da expansão das universidades no Brasil, verifica-se que o ensino superior é destinado a uma pequena parcela da população. A universidade tivera uma concepção que fora construída de acordo com a cultura em que estava inserida, com o objetivo de dar suporte às transformações sociais vigentes [11], isto é, sempre esteve vinculada às mudanças culturais, sociais e políticas ocorridas nas diferentes situações históricas.

Como exemplo, pode-se citar a vinda da família Real Portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, onde houve certo progresso no âmbito educacional através da criação de escolas de direito, engenharia (academia militar) e medicina (cátedras de cirurgia e anatomia) e da Biblioteca Real, do Museu Real, mais tarde Museu Nacional, e Academia de Belas Artes; entretanto, nota-se que a educação não foi tratada de forma prioritária, afinal, o modelo econômico da época era agroexportador, de forma que não havia necessidade de profissionais com formação superior [27]. Diferentemente de outros países da América Latina que no mesmo período, enquanto colônias da Espanha, contavam com diversas universidades. Este atraso na criação de universidades no Brasil se reflete aos dias de hoje. Entre os países da América Latina, o Brasil apresenta um dos índices mais baixos de acesso à educação superior, mesmo se considerado o setor particular: menos de 12% dos jovens entre 18 e 24 anos cursa o ensino superior no Brasil [12; 28].

O Brasil foi influenciado por três modelos que determinaram o surgimento de modelos contemporâneos de universidade [10; 11; 29; 30]. São eles:

- Modelo imperial napoleônico;
- Modelo idealista alemão;
- Modelo utilitarista norte-americano.

Tanto o modelo francês quanto o alemão propõem que o ensino seja destinado a um seleto grupo de alunos que, concluídos os estudos, darão continuidade à mesma elite acadêmica. Nesse

contexto, a Universidade é vista como um lugar para a formação de elites intelectuais, voltada para o desenvolvimento do saber, e não para simplesmente exercer atividade profissional [13].

Entretanto, o modelo norte-americano é totalmente o oposto dos dois anteriores ao reforçar a idéia de que é necessário dar acesso ao ensino superior à população de massa. Este modelo influenciou as reformas universitárias de quase todos os países nas décadas de 60 e 70 e está sendo adotado entre as melhores universidades do mundo [11].

Ao longo do século XX, devido ao sucateamento da escola pública de ensino fundamental, seguido da manutenção de um exame vestibular com características fortemente seletivas para a universidade, somente os alunos que tiveram oportunidade de cursar boas escolas conseguiram uma vaga na educação superior. Dessa forma, a partir do final da década de 1950, cursar a universidade passou a significar status para a parcela da classe média que tinha a percepção de uma situação profissional bem remunerada e socialmente valorizada graças ao diploma de nível superior. Forma-se então a elite das pessoas que possuem um alto poder aquisitivo e que terão condições de dar continuidade a este ciclo [11].

Na década de 1960, a demanda de candidatos ao ingresso no ensino superior era grande e havia poucas vagas oferecidas pelas IES públicas e privadas. Atualmente, o cenário é totalmente diferente. A expansão do ensino superior se deu, principalmente, através da abertura de vagas nas instituições particulares, visto que é baixo o número de investimentos nas instituições da rede pública. Esta medida se tornou extremamente ineficaz, pois ocasionou ociosidade de vagas e evasão no ensino superior. Apesar do aumento do número de vagas disponíveis, não houve aproveitamento total das mesmas, pois o público não conseguiu acessar por questões de ordem financeira. Verificou-se que número de vagas não está diretamente ligado a acessibilidade [8; 11; 31; 35].

Pode-se concluir que acessibilidade não é sinônimo de inclusão social. Não basta apenas permitir que o estudante consiga uma vaga na universidade, pois nem sempre entrar na universidade significa estar incluído [8].

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com o objetivo da pesquisa toma-se como objeto de estudo o relato da experiência vivida por estudantes universitários brasileiros do curso de administração de empresas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro que participam de um programa de bolsas de estudo estabelecido pelo governo federal. Considera-se também que o trabalho contempla delimitações de ordem social no que diz respeito ao fato das percepções identificadas para cada estudante resultarem da interação direta com os demais estudantes da universidade.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde as referências teóricas são menos restritivas e há maior oportunidade de manifestação para a subjetividade do observador. A pesquisa desenvolvida caracteriza-se, segundo Cervo e Bervian (2002), como exploratória e descritiva. Exploratória porque não se localizou nenhum outro estudo abordando a percepção de alunos bolsistas com relação a sua própria formação em um centro de ensino voltado pra elite. Descritiva porque visa descrever percepções e expectativas dos alunos pesquisados e conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos.

Optou-se por realizar a pesquisa por meio de levantamento, pois conforme Santos (1999), é um procedimento útil, principalmente em pesquisas exploratórias e descritivas, onde se busca informação direta com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter. Assim, este método possibilitará a descrição e análise das opiniões que os bolsistas possuem sobre as diferenças existentes entre eles e os demais alunos não bolsistas consideradas importantes no

processo de formação pessoal e profissional. Procura-se por meio desta pesquisa mapear os diferentes pontos de vista explicitados pelos bolsistas do PROUNI.

A ferramenta usada para a observação dos dados foi o questionário, que conforme Lakatos (2000) é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que deve ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Este método de pesquisa possibilitou a obtenção de respostas mais rápidas e mais precisas e economia de tempo. As perguntas do questionário foram do tipo aberta a fim de dar maior liberdade pro estudante se expressar [36].

Os questionários foram enviados por e-mail aos bolsistas, compondo duas etapas de coleta de dados, onde a primeira teve como objetivo obter dados como idade, período que está cursando, local de residência, motivos da escolha profissional, realização de cursos e atividades extracurriculares a fim de complementar a formação superior em administração. Este questionário foi enviado a todos os alunos bolsistas do PROUNI do curso de administração.

O objetivo do segundo questionário foi obter informações referentes à primeira impressão que tiveram a respeito da faculdade e dos alunos não bolsistas, quais as diferenças percebidas por estes alunos em relação aos demais, qual a influência que a família teve no processo de decisão de cursar uma universidade, se há alguma dificuldade em acompanhar os estudos e como é o relacionamento com os colegas de turma. Em resumo, o primeiro questionário tem como finalidade reter dados referentes ao curso de administração e universidade de uma forma geral, enquanto o segundo questionário especifica a experiência vivida na universidade incluindo suas primeiras impressões e percepções atuais em relação aos demais atores sociais do ambiente acadêmico.

O questionário referente à segunda etapa foi enviado aos alunos que quiseram participar da pesquisa respondendo ao primeiro questionário. Quatorze pessoas responderam ao primeiro questionário, dentre as quais seis pessoas também responderam ao segundo questionário, participando totalmente da pesquisa. Desta forma, a pesquisa foi realizada a partir do relato destes seis estudantes.

Buscou-se identificar as formas como a instituição é percebida pelos estudantes bolsistas e estimulá-los a realizar uma auto-reflexão a respeito de sua visão de futuro como administrador e como indivíduo. Dessa forma, a partir da análise dos dados coletados e o cruzamento com a base teórica levantada, foi possível esclarecer o problema da pesquisa.

O PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS

O Programa Universidade para Todos – PROUNI – foi instituído pelo Governo Federal em 2005 com a finalidade de inclusão no ensino superior através de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas, concedendo, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições que aderirem ao Programa.

Para usufruir uma bolsa do PROUNI, é necessário que o estudante tenha cursado o ensino médio em escola da rede pública ou em instituição privada na condição de bolsista integral. O programa também privilegia estudante portador de deficiência física e professor da rede pública de ensino básico. Para este, a bolsa é destinada à formação do magistério da educação básica, independente da renda. O pré-requisito essencial para obter a bolsa é que o estudante tenha realizado o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM – no ano anterior a inscrição no Programa e tenha obtido nota superior a 45 pontos [15].

O Programa apresenta duas modalidades de bolsas, uma integral e outra parcial. Para conseguir a bolsa integral é necessária a comprovação de renda per capita familiar de até um

salário e meio e para a bolsa parcial, a renda pode ser de até três salários mínimos. Os bolsistas parciais podem financiar a outra metade da mensalidade através do FIES – Fundo de Financiamento do Estudante do Ensino Superior – desde que a IES tenha aderido a este processo, o que é facultativo.

O Programa envolve um processo que compreende cinco etapas que vão desde a decisão de se candidatar a uma bolsa até a matrícula na IES escolhida:

- 1) Decisão de se inscrever no programa de bolsas de estudo e escolha da (s) instituição (ões);
- 2) Inscrição no site do MEC;
- 3) Recebimento da carta confirmando a aceitação em alguma das instituições selecionadas;
- 4) Entrevista com a assistente social;
- 5) Matrícula.

A decisão pelo Programa é, geralmente, iniciada pelo interesse do próprio estudante que enxerga nele a oportunidade de dar segmento aos estudos numa excelente universidade sem precisar se preocupar com o custo da mensalidade, o que seria inviável devido a sua situação econômica. Alguns dizem que se inscreveram nesse tipo de programa de bolsas de estudo devido ao desejo de fazer parte de um projeto social, pois acreditam que os estudantes beneficiados são capazes de realizar mudanças no futuro da sociedade. Ao escolher a instituição, o estudante avalia aspectos como a qualidade de ensino, boa estrutura, organização, ou seja, o reconhecimento e prestígio que a universidade obtém.

A inscrição no programa é feita através do site do MEC – Ministério da Educação e Cultura –, no período determinado pelo mesmo, onde o estudante pode escolher até sete opções de cursos na mesma instituição ou em instituições diferentes. Neste momento, são pedidos dados como nota do ENEM, renda familiar, endereço e outros.

Quanto melhor o desempenho no ENEM, mais chances o estudante tem de ser selecionado para estudar no curso e na instituição que colocou em primeiro lugar durante a inscrição, pois o critério de seleção do programa é a qualidade e o mérito dos estudantes. Se o estudante não for selecionado para a primeira opção de curso, ele é, automaticamente, transferido para concorrer a uma vaga na segunda opção que escolheu. Assim, de acordo com as vagas oferecidas no curso desejado e a nota no ENEM obtida pelo candidato, lhe é enviada uma carta de confirmação informando a IES para a qual foi pré-selecionado e onde deve comparecer no dia e horário marcado levando todos os documentos comprobatórios das informações fornecidas no momento da inscrição. Geralmente, a família não participa neste processo, ficando ciente somente depois que o candidato é pré-selecionado para alguma das universidades pretendidas.

A entrevista com a assistente social é simples e consiste na apresentação dos documentos que servem para formar o perfil socioeconômico dos bolsistas e que são enviados para o banco de dados do PROUNI. Sendo assim, se todas as informações estiverem em concordância com os critérios do programa, o estudante será orientado em relação à matrícula, regras e prazos da universidade e poderá voltar no dia marcado para efetuar a sua matrícula.

A matrícula do aluno beneficiado com a bolsa é realizada sem nenhuma distinção dos alunos não bolsistas. Pelo contrário, desde então, passa a ser visto como aluno da Instituição de Ensino, com todos os direitos e deveres de um aluno qualquer e sem nenhuma medida que o impeça de usufruir os serviços oferecidos pela universidade.

Finalmente, o estudante retorna a universidade no primeiro dia de aula e dá início, então, a sua vida acadêmica.

RESULTADOS DA PESQUISA

Constatou-se que a motivação dos bolsistas para cursar o ensino superior se deve ao reconhecimento da importância que a educação formal exerce na formação pessoal e profissional ao proporcionar diversas perspectivas de crescimento e por ser considerada a única alternativa de mudança social na vida do ser humano. Os bolsistas enxergam na universidade a oportunidade de ampliar conhecimentos, ter novos contatos, adquirir experiência com os professores e alunos e por ser condição fundamental para estar dentro do mercado de trabalho.

Todo o processo de tomada de decisão que inclui desde o desejo de cursar uma faculdade até a inscrição no PROUNI é tomado individualmente pelo estudante, mas não ocorre de forma totalmente isolada. Os pais estão cientes da importância da educação na formação do filho, mas como não há a possibilidade de financiar esse nível de educação, o próprio estudante tem que “se virar”, lutar pra conquistar o que deseja. Então, quando surge a chance de dar continuidade aos estudos numa ótima instituição de ensino sem o custo da mensalidade – , pois caso contrário seria impossível devido à situação financeira da família –, esta oportunidade tem de ser aproveitada o mais rápido possível. Esta decisão é tomada de forma tão independente que, muitas vezes, a família só fica sabendo da inscrição no programa quando o bolsista está preste a fazer a matrícula na IES, como afirma um estudante:

Eu sempre fui de fazer as coisas, de correr atrás por mim mesmo. Meus pais não tiveram acesso à faculdade. Eles até incentivavam, mas até por uma questão financeira, não tem condição de viabilizar. Eu sempre tomei a iniciativa de fazer cursos e tal. Tanto que eles ficaram sabendo que eu passei pra PUC depois que já estava tudo certo. Só quando eu confirmei que eu falei: “Entre pra faculdade”.

Como acrescenta outro estudante:

Minha família esteve presente sim na minha decisão de cursar a faculdade, mas apenas como telespectadores, apesar de sempre me incentivarem. Minha mãe, meu pai, meu padrasto e tios, enfim, todos me apoiavam na minha escolha, mas em nenhum momento insistiam para que eu tomasse uma ou outra decisão.

Apesar da família não ser um fator determinante nesta tomada de decisão, possui grande relevância quando se fala na permanência dos estudantes na universidade, ao encorajá-los, dando apoio e incentivo quando alguns pensam em trancar o período devido às diversas dificuldades. Entretanto, a principal motivação que os estudantes têm para continuar os estudos é intrínseca, pois corresponde às expectativas de recompensa que possuem ao terminar os estudos, como relata um dos estudantes.

Quando eu penso em faculdade, na empresa que eu estou criando, a ralação, eu penso “Vou trancar o período”. Aí eu penso “Olha o colégio onde eu estou estudando”. (...) A família dá um certo incentivo: “Não desiste, não. É longe, mas é a PUC”.

Em relação à polêmica em torno do PROUNI que afirmava o fracasso do programa devido aos alunos despreparados que seriam inseridos nas IES, os estudantes beneficiados com a bolsa reconhecem que enfrentam dificuldades em acompanhar as aulas do curso, principalmente quando comparados com os estudantes egressos de escolas particulares da cidade. Entretanto, essas dificuldades são ultrapassadas, pois apesar de serem provenientes de ambientes educacionais diversos, todos enfrentam dificuldades. Cabe ao aluno “correr atrás” na busca de conhecimento. Afinal, ninguém está sozinho. A própria universidade disponibiliza uma ótima infra-estrutura através de laboratório de informática, biblioteca, monitoria, realização de palestras

e outros. Com tantos recursos disponíveis, o aluno considera-se responsável pela sua própria formação em relação a essa busca pelo conhecimento. Conforme os estudantes:

Tenho algumas dificuldades, como todos os alunos (bolsistas ou não). Acredito que a força de vontade e empenho superam qualquer obstáculo. A PUC também dispõe de uma estrutura que apóia bastante o desenvolvimento do aluno (...). Acredito que deve partir sempre do aluno a busca, em caso de dificuldades.

Reconhece-se que a base fornecida nas etapas anteriores foi deficitária, mas não a ponto do PROUNI ter sido a única oportunidade de cursar uma universidade. Apesar da repercussão que girou em torno do programa, muitos dos alunos beneficiados foram aprovados no vestibular de universidades públicas e exatamente devido a toda essa infra-estrutura disponível numa IES particular, optaram por fazer a inscrição no PROUNI. Dessa forma, encaram o programa como uma escolha entre estudar numa IES pública ou particular, ambas com excelente qualidade de ensino. Assim, escolheram a PUC pela certeza do cumprimento de prazos, principalmente no que diz respeito à ausência de greves –, tão frequentes nas IES públicas – e por oferecer um auxílio financeiro a grande parte dos bolsistas. De acordo com um dos jovens:

Embora eu tenha conseguido passar para UERJ, no mesmo ano, não havia nenhum tipo de ajuda prevista. Porém, a PUC oferecia um programa de ajuda e foi essa ajuda que permitiu que eu continuasse.

Enquanto o PROUNI garante o acesso à universidade, esse tipo de auxílio facilita a permanência dos estudantes. Por meio desta ajuda, o bolsista tem mais chances de concluir os estudos com êxito. A importância deste auxílio está diretamente ligada ao seu rendimento acadêmico, como afirma um dos estudantes:

E isso (auxílio), sem dúvidas, está sendo fundamental na minha formação. Inicialmente eu recebia a passagem e a alimentação. Mais tarde (...) consegui o auxílio-moradia que então realmente ajudou no meu progresso na universidade. Posso participar das atividades acadêmicas, posso ficar estudando até tarde na biblioteca, posso fazer parte da iniciação científica e não me sinto sobrecarregada. A qualidade de vida acadêmica é fundamental. Uma bolsa isolada, como acontece, muitas vezes não dá efeito! Onde eu ia conseguir parar para estudar para provas saindo de casa às 9h da manhã e chegando às 9h da noite?

A escolha pelo curso de administração se deve, em sua maioria, ao fato de haver identificação com as habilidades necessárias à atuação na área durante a realização de curso técnico. Outros motivos apontados pelos estudantes foram: desejo de abrir empresa, pois o curso proporciona maior conhecimento sobre gestão de negócios; amplo campo de atuação, pois possibilita atuar tanto na área de exatas quanto na de humanas.

No entanto, a percepção que se tem a respeito do significado da formação do administrador vai muito além do âmbito profissional mencionado anteriormente. Conforme os estudantes que participaram da pesquisa, o administrador é o profissional essencial em todas as atividades realizadas na sociedade, seja em grandes empresas, hotéis, hospitais ou na política, por exemplo, para que as conduza da melhor forma possível a fim de alcançar os objetivos planejados. Em todas as áreas, uma gestão eficiente e eficaz é necessária e pode ser obtida através de formação e experiência. E é exatamente na universidade que o jovem administrador começa a percorrer este caminho.

O ingresso no ensino superior é uma experiência totalmente nova e enriquecedora ao jovem universitário. Contudo, esta novidade é percebida ainda com mais intensidade pelos alunos bolsistas que, geralmente, são os primeiros de suas famílias a cursar uma universidade e passam a servir de referência aos seus familiares. A imagem de “modelo” lhes é atribuída fazendo com que os estudantes sirvam de exemplo aos demais jovens de suas famílias. Entretanto, o próprio bolsista toma essa missão de “influenciador” para si. Como relata um dos alunos:

Era uma conquista muito importante entrar na faculdade, pois sou a primeira a entrar na faculdade entre a minha família mais próxima. E com certeza espero estar influenciando minhas primas a entrarem também.

Os estudantes bolsistas afirmam que para os não bolsistas, estudar na PUC é praticamente uma tradição de família e consideram que a instituição seja voltada pra elite por possuir certo “glamour” e proporcionar aos seus estudantes um status em todos os níveis sociais, seja em relação ao mercado de trabalho ou até mesmo dentro da própria família. De certa forma, também se consideram “elite intelectual” na IES, afinal são poucas pessoas de sua classe social que obtém essa conquista, ao garantir uma vaga e se manter, diante das diversas circunstâncias. Sendo assim, os estudantes afirmam que não há diferença alguma em ser aluno da IES através do PROUNI, afinal, não se trata de caridade, mas de mérito.

Estudar numa universidade que está inserida num contexto social totalmente diferente do habitual onde predominam pessoas que não pertencem a sua realidade econômica e sociocultural pode causar um choque de comportamentos, e até mesmo de cultura, onde, na maioria dos casos, é o que acontece. Inicialmente, as diferenças percebidas são levadas ao extremo e agem como uma ferramenta de inibição no comportamento do aluno bolsista. Muitos se sentem intimidados por serem a minoria num ambiente acadêmico dominado por estudantes de maior poder aquisitivo, proveniente das melhores escolas particulares do Rio de Janeiro e, geralmente, recém chegados de intercâmbios de estudo. Entretanto, a independência exercida pelo estudante bolsista ao longo de sua vida e o imenso sentimento de felicidade devido à conquista de uma vaga na instituição de ensino são extremamente relevantes durante o período de adaptação vivenciado nesses primeiros dias de aulas. Quando perguntado sobre como se sentiu no primeiro dia de aula, um dos estudantes respondeu o seguinte:

Um pouco deslocada. O comportamento, os rostos, as idéias eram complementemente diferentes do que eu estava acostumada. No início achei que não ia me adaptar.

E outro estudante acrescenta:

Quanto ao meu relacionamento, o que eu via como diferença era a relação pessoal. Eu não vim com amigos formados, então encontrar grupinhos feitos criou uma “barreira de contato”. Eu tentava ficar mais na defensiva, assim dizendo, para evitar situações que me expusesse muito.

Diante desse contexto, alguns bolsistas tendem a procurar relacionamentos com pessoas da mesma situação: outros bolsistas. Essa tendência se dá, geralmente, pela identificação de preferências, pensamentos e objetivos. A maior parte dos bolsistas possui história de vida parecida com a do outro; assim, a afinidade é inevitável. Por causa disso, procuram realizar trabalhos entre si. Contudo, essa atitude de formar grupos de estudo exclusivamente com alunos também bolsistas não é comum a todos. Devido ao reconhecimento da importância que o ambiente acadêmico e as pessoas inseridas nele oferecem no contexto profissional, muitos preferem realizar trabalhos com pessoas que não fazem parte do seu convívio social. Acredita-se

numa certa vantagem no fato de a maior parte dos alunos ser oriunda de famílias nobres que já possuem uma boa colocação no mercado de trabalho, onde muitos são donos do seu próprio negócio, o que facilitará a inserção desses estudantes na atividade profissional. Conseqüentemente, através da interação com os estudantes da elite, é provável que haja possibilidade de indicação futura para algum cargo na empresa.

(...) A maior diferenciação da PUC é realmente as relações pessoais. Seu futuro pode depender de algum dos alunos que você encontra no corredor. Saber se relacionar é fundamental.

É necessário esclarecer que a aproximação entre os alunos não está limitada ao âmbito profissional. Concomitantemente, essa aproximação é uma excelente oportunidade de maior conhecimento mútuo, onde haverá possibilidade de reformulação de preconceitos. Segundo uma estudante:

Eu achava que todos os alunos da PUC eram metidos, até mesmo esnobes, devido a sua condição social. Mas constatei que não são. Muitos são até mais simpáticos que varias pessoas que conheço. Eles apenas têm hábitos diferentes dos meus.

Também há oportunidade de troca e compartilhamento de experiências. Afinal, são todos universitários. Conforme o relato de um estudante:

...a princípio é um choque muito. Depois, com a convivência, torna-se um adicional a experiência de vida.

Diferenças sempre vemos, mas somente a de renda, ademais são todos alunos iguais. As semelhanças são a vida escolar, algumas experiências de vida... O que é bastante contrastante é somente a situação financeira, que logo deixa de ser uma barreira. (...) deu para perceber que todos tinham dificuldades em algo e à medida que ia decorrendo o período, cada um ia se ajudando, da melhor forma possível.

Percebe-se que a principal semelhança entre os estudantes é o esforço. E esforço é essencial para cursar o ensino superior, independente se possui ou não uma bolsa de estudos. Porém, além da cobrança habitual da universidade, os bolsistas também são cobrados pelo governo, família e por si mesmo –, afinal, esta é uma oportunidade que não pode ser desperdiçada de forma alguma. Nesse contexto, os bolsistas apresentam um esforço adicional onde procuram ser mais estudiosos e dedicados que os demais estudantes. E realmente precisam ser estudiosos, pois se não forem, não será possível manter a bolsa. Porém, esse não é o único motivo para tanta força de vontade. Os próprios bolsistas reconhecem estarem atualmente um pouco menos preparados que os não bolsistas para o mercado de trabalho no que se diz respeito à realização de diversos cursos e atividades extracurriculares, como intercâmbio e cursos de idiomas, por exemplo. Então os bolsistas procuram suprir tais atividades com outras que também servem para complementar o que se aprende na sala de aula como trabalho voluntário, estágio, iniciação científica e palestras. Estas atividades são importantíssimas e custa pouco realizá-las. E é exatamente essa impossibilidade de realizar tais atividades no presente que os motiva a se formar entre os primeiros da turma, “sugar” o máximo de conhecimento possível e a superar quaisquer obstáculos. De acordo com um dos estudantes:

Espero poder fazer história dentro da universidade. Quero sair da graduação sendo, se não for o melhor, um dos melhores. Não é questão de aparecer, porém questão de procurar ser sempre o melhor em tudo o que faço.

De certa forma, os bolsistas se sentem privilegiados por estudar numa instituição de ensino renomada com pessoas pertencentes a este nível social. Compartilhar do mesmo ensino, professores e toda a infra-estrutura que a universidade oferece significa a expectativa de conquistas profissionais semelhantes. Nota-se que a percepção que os estudantes têm a respeito da universidade é de que possuem “a faca e o queijo” nas mãos, e se fizerem a sua parte – estudando e se dedicando –, terão um futuro brilhante.

O bolsista não se vê como um futuro administrador que apenas dá ordens aos seus funcionários, mas como um agente de mudanças significativas que ajude a organização e a sociedade a evoluir. Considera-se que o administrador, além de tudo, é um líder que está à frente de uma equipe, estimulando-a, mostrando a direção, transmitindo valores, tomando decisões em conjunto, sendo flexível, encorajando a inovação, formando pessoas, servindo de exemplo e, é claro, tendo de assegurar o faturamento para garantir a sobrevivência da organização. Em resumo, o administrador deve saber gerenciar pessoas e ser bem sucedido gerando lucros e satisfação a todos que são afetados pela organização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que é necessário discutir a formação do estudante beneficiado pelo PROUNI a partir do seu próprio ponto de vista e não apenas sob a ótica de formadores de opinião, acredita-se que este trabalho contribuiu com o aproveitamento das lacunas identificadas a partir da análise de um objeto de estudo pouco explorado.

A presente pesquisa consistiu em um levantamento de natureza qualitativa que objetivou descrever percepções e expectativas a partir da experiência de catorze estudantes beneficiados pelo Programa Universidade para Todos. Partindo da ligação entre o processo perceptivo, as habilidades necessárias a um administrador e a concepção de universidade propôs-se a análise dos relatos dos estudantes supondo-se que a interação num ambiente acadêmico totalmente novo com pessoas provenientes de ambientes educacionais diversos influenciaria a percepção que eles têm a respeito de sua própria formação.

O objetivo principal foi responder o seguinte problema: em que medida estas diferenças interferem, positiva ou negativamente, na percepção que os bolsistas têm a respeito de sua própria formação num centro de ensino voltado para a elite? Pode-se constatar que os jovens beneficiados por este programa de bolsas possuem muita força de vontade para dar segmento aos estudos e que a experiência adquirida com o relacionamento com os professores e demais alunos é algo que acrescenta bastante tanto na formação profissional quanto na formação pessoal.

O trabalho empreendido revelou que os alunos bolsistas do PROUNI não enxergam as diferenças financeiras como uma restrição. Estudar com pessoas da elite faz com que eles percebam a importância da criação de uma ótima rede de relacionamento, o chamado *networking*. Essa interação num ambiente educacional totalmente novo convivendo com pessoas que possuem pontos de vista muito diferentes entre si ajuda o estudante a ver o mundo de forma diferente, tanto em questão acadêmica quanto pessoal; vários temas podem ser abordados sob diversos pontos de vista, o que faz com que o futuro administrador amplie a sua visão de mundo, não ficando limitado às suas próprias opiniões, mas interagindo com outros futuros formadores de opinião.

Constatou-se que os bolsistas se sentem privilegiados por poderem estudar na mesma instituição que as pessoas desse nível social fazendo com que tenham expectativas de conquistas profissionais semelhantes. De certa forma, também se consideram “elite intelectual” na instituição, afinal, são poucas pessoas do seu ambiente habitual que obtém essa conquista.

Cabe ressaltar a importância das diversas variáveis que influenciam diretamente na percepção dos estudantes bolsistas, tais como: projeto profissional, motivação, status que a IES proporciona, possibilidade de criar uma ótima rede de contatos, entre outras. Percebe-se também que a importância dessa interação dos estudantes bolsistas com os atores sociais presentes na universidade está, principalmente, no fato dos sujeitos envolvidos se desenvolverem socialmente e se influenciarem entre si. É através da interação que há trocas e reflexões, respeito às diferenças e convergências, havendo uma possível reformulação de conceitos, de ambas as partes. Assim, a questão da construção do autoconceito, do saber conviver e estar num grupo, das relações de reciprocidade e cooperação é essencial para definir o verdadeiro papel da educação que não se limita a uma formação acadêmica, mas trata-se de uma instituição formadora de cidadão, de ser humano. Nesse contexto, os estudantes do PROUNI ressaltam que não sairão da universidade apenas com um diploma, mas também com uma formação moral e interpessoal, tão necessária para todos os indivíduos inseridos na sociedade.

Considera-se que a principal contribuição da pesquisa está no fato de estudar os diversos fatores que possuem influência significativa no processo de percepção que o estudante do PROUNI tem a respeito da sua própria formação. Sendo assim, resalta-se a importância de se estudar a percepção dos estudantes bolsistas a respeito de sua própria formação analisando os diversos fatores que influenciam este processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMBONI, Nério; ANDRADE, R. O. **Teoria geral da administração**/Das origens às perspectivas contemporâneas. São Paulo, ed. M. Books, 2007.
2. MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração: da escola científica à competitividade na economia globalizada**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.
3. CONSELHO FEDERAL DE ADMINISTRAÇÃO. **Pesquisa Nacional sobre o Perfil, Formação, Atuação e Oportunidades de Trabalho do Administrador**. Brasília, 2004.
4. GODOY, A. S.; SANTOS, N. J.; FORTE, D.; CARVALHO FILHO, A. F.; GHOBRI, A. N.; MASMO, P. L. Competências adquiridas durante os anos de graduação: um estudo de caso a partir das opiniões de alunos formandos de um curso de administração de empresas. **Anais XXIX EnANPAD**, Brasília, 2005. CD ROM.
5. FERREIRA-DA-SILVA, R. C. **Inteligência cultural e inteligência emocional – O aprendizado vivencial das novas competências do administrador**. Iniciação Científica (Graduando em bacharelado em Administração) – Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.
6. NASCIMENTO, L. C.; TEODÓSIO, A. S. S. O estágio diante dos desafios do ensino em administração: um estudo de caso sobre as percepções de alunos e supervisores. **Anais XXIX EnANPAD**, Brasília, 2005. CD ROM.
7. ALMEIDA, D. R.; LAGEMANN, L.; SOUSA, S. V. A. A importância do estágio supervisionado para a formação do administrador. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006. CD ROM.
8. SILVA, F. C. M.; OLIVA, E. C. Políticas públicas de inclusão sociais e Iniciativas de acessibilidade ao ensino superior particular do Triângulo Mineiro: uma discussão das

- tendências na ótica de formadores de opinião. **Anais XXX EnANPAD**, Salvador, 2006. CD-ROM
9. DEMO, Pedro. Ensino superior no século XXI: direito de aprender. **Reflexões 2004**. Bento Gonçalves, RS, 2004. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/reflexoes/encontro/2004-1/documentos/04-Ensino-Superior-no-Seculo-XXI-Pedro-Demo.pdf>>. Acesso em: 12 de junho.
 10. CASTANHO, S. E. M. Educação superior no século XXI: discussão de uma proposta. **23ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu, 2000. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/1105T.PDF>>. Acesso em: 13 de junho de 2008.
 11. FERRARI, Marian A. L. Dias; SEKKEL, Marie Claire. Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um novo desafio. **Psicologia, ciência e profissão**, USP, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007001200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 de junho de 2008.
 12. GIANEZINI, Quelen. PROUNI: acesso à educação superior em Mato Grosso, o caso da UNIVERDE. In: Conferência Internacional – Educação, globalização e cidadania. Novas perspectivas da sociologia da educação, João Pessoa, 2008. Disponível em: <www.socieduca-inter.org/cd/gt8/34.pdf>. Acesso em: 25 de abril.
 13. Brasil. **Ministério de Educação**. Disponível em: <<http://prouni-inscricao.mec.gov.br/ProUni/Oprograma.shtm>>. Acesso em: 18 de março de 2008.
 14. SARAVALI, E. G. **As relações psicossociais no ensino superior**: considerações sobre a formação integral do aluno universitário. Uberlândia, 2005. Disponível em: <<http://www.unimep.br/fch/revcomunica/nov%202004/1.pdf>>. Acesso em: 20 de junho.
 15. ALMEIDA, L.; SOARES, A.P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. (org.) **Estudante universitário**: características e experiências de formação. Taubaté: Cabral, 2003. p. 15-40.
 16. FIORELLI, J. O. **Psicologia para administradores – Integrando teoria e prática**. Atlas, 2004.
 17. RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2000.
 18. RODRIGUES, Aroldo. **Psicologia social para principiantes**. 10.ed. atual. e acrescida de exemplos ilustrativos. Petrópolis: Vozes, 2005.
 19. PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo, SP: EPU, 2002
 20. ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zabar, 1985.
 21. DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1983.
 22. BARON, R. A e BYRNE, D. (1994) **Social Psychology: Understanding human interaction** (8th ed.). Boston: Allyn and Bacon.

23. FESTINGER, L. (1954). **A theory of social comparison processes.** (b) Human Relations, 7, 117-140.
24. HEIDER, F. (1946). Attitudes and cognitive organization. **Journal of Psychology**, 21, 107-112.
25. BRAGHIROLI, Elaine Maria; BISI, Guy Paulo; RIZZON, Luiz Antônio; NICOLETTO, Ugo. **Psicologia Geral.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
26. KATZ, R. L. **As habilidades de um administrador eficiente.** São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Coleção Harvard de Administração).
27. MOTA, Myriam Becho; BRAICK, Patrícia Ramos. **História: das cavernas ao terceiro milênio.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
28. Brasil. **Plano Nacional de Educação – PNE 2000-2010.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>> Acesso em: 18 de março de 2008.
29. PERETTI, Clélia. **Implicações das atuais políticas educacionais para o processo de formação do professor nos cursos de licenciatura da PUCPR.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2002. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2005-03-04T12:09:35Z-96/Publico/CleliaEduca.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2008.
30. DURHAM, E. R. A autonomia universitária – extensão e limites. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/tematicas/educacao/superior/autonomiafinanciamento/durhamautonomia.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2008.
31. LIMA, Vânia Marques de. **Percepções de estudantes de primeiro período sobre o serviço educacional:** análise empírica de uma IES privada na cidade do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado profissionalizante em Administração) – Rio de Janeiro: Faculdades Ibmecc, 2006. Disponível em: <<http://www.ibmecrj.br/sub/RJ/files/VANIA%20MARQUES.pdf>>. Acesso em: 15 de junho de 2008.
32. CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
33. SANTOS, Antônio Raimundo. **Metodologia científica:** a construção do conhecimento. 2. ed., 1999.
34. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica.** São Paulo, SP: Atlas, 2000.
35. SENA, Samuel; ORRICO, Ludmila. As relações do ensino superior: o olhar dos estudantes do PROUNI sobre a diversidade social na FTC. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0157-1.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2008.